

HABITANTES DE RUA

UM CASO DE NOMADISMO URBANO

Claudia Turra Magni*

A idéia vigente de que a população que vive na rua é migrante, oriunda da zona rural ou de cidades do interior, buscando adaptar-se ao meio urbano, não é de todo desprovida de razão. No entanto, limita o assunto à temática do êxodo e ainda oculta uma questão mais importante: embora haja algumas exceções, o sujeito que passa a viver na rua tem que *se deslocar constantemente* por pressão ou conveniência, de modo a se adaptar às condições sócio-ecológicas do meio urbano.

Excluída de um mercado de trabalho rentável, freqüentemente sem vínculo ou apoio familiar, induzida a optar por morar em aglomerados subhabitacionais ou a viver na rua, esta população acaba por fazer da *mobilidade*, não apenas um período transitório, como ocorre com a migração, mas *uma forma de vida*, mantida ao longo dos anos e através das gerações.

O termo *trecheiro*, utilizado por muitos moradores de rua para se autodesignarem, é bastante sugestivo: refere-se àquele que vive no "trecho", parando nos caminhos e se deslocando com muita freqüência. No constante recomeço, em que quase nada é estável ou permanente, a fragilidade de seus vínculos com o trabalho, a família, a moradia, revelam uma vida marcada pela fragmentação.

A noção de *nomadismo*, usada com fins analíticos, confere um corpo teórico ao modo de vida deste segmento social, e representa uma forma de resgatar a lógica própria que caracteriza as suas condições de vida. Segundo Sahlins, (1977), a existência nômade não possui um protótipo genérico devido às riquezas empíricas com que se apresenta, com seus problemas de vida próprios e suas circunstâncias de meio

ambiente. A cidade moderna, portanto, pode ser entendida como um tipo ecológico especial da vida nômade, mesmo que ela se configure, neste meio, de forma aberrante, pois a estrutura e a ordem social das cidades e da própria civilização, têm as bases de seu desenvolvimento fundadas no sedentarismo.

DIÁRIO REVISITADO

Para escrever este artigo, em vez de reportar-me ao conjunto de meus dados empíricos¹, optei por retomar meu diário de campo, do qual extraí fragmentos sobre uma tarde de inverno de 1992. Eu já havia feito observações gerais em toda a cidade e estava na segunda etapa da pesquisa, quando escolhi quatro grupos para aprofundar o estudo, cada um dos quais acampava em uma das elevadas de um complexo de vias existente na entrada da cidade de Porto Alegre, próximo à Estação Rodoviária.

Eu jamais poderia lembrar-me, com tantos detalhes, daquela ocasião em que tive o primeiro encontro com o segundo destes grupos, não fosse o diário de campo. Isso faz-me acreditar que o valor maior deste tipo de documento surge quando, mais do que dados etnográficos, ele traz informações históricas, que tal como foram descritas, não existem mais.

Diário de Campo Fragmento 1

26 de agosto de 1992. Quarta-feira à tarde.

"Passando por aqui outro dia vi três

homens e duas mulheres bebendo cachaça de baixo da elevada. Diante da euforia, resolvi não me aproximar. Hoje, quando desci do ônibus na parada da estação rodoviária, olhei de longe e o grupo estava menor e mais calmo.

Na calçada onde eu estava, obstáculos de ferro tentam desestimular o transeunte de cruzar as vias supermovimentadas, devendo utilizar, para isso, as passarelas aérea ou subterrânea, que conduzem ao outro lado da calçada. Mas eu precisava chegar no canteiro central, sobre o qual declina a elevada que o grupo utiliza de abrigo. Demorei para atravessar a rua. Chegando lá, apresentei-me às duas mulheres e ao homem, estendendo-lhes a mão e me agachando onde estavam. Em volta de um fogo de chão quase apagado, duas mulheres e um homem estavam sentados em caixotes. No chão, sobre um cobertor, dormia uma menina de uns três anos, enquanto outra, de uns nove, alternava brincadeiras com idas até a sinaleira, onde pedia dinheiro.

Expliquei que estava interessada em conhecer como vivem as pessoas que moram na rua e eles demonstraram simpatia e disposição em me ajudar.

Apesar da proibição da municipalidade, ocupam esta elevada há mais ou menos oito meses. Mas foram capazes de referir vários outros lugares públicos onde já acamparam ou pernoveram: na "Água Verde" (Viaduto situado no Largo dos Açorianos, onde há um espelho d'água), na Praça 15 de Setembro, no Parque Marinha do Brasil, etc. "Em qualquer lugar, onde tiver uma aba (marquise), dá pra dormir", disse-me Alexandre. Para combater o frio, o jeito é dormir juntos e tomar cachaça.

ACERCA DO ESPAÇO NÔMADE EM UM MEIO SEDENTÁRIO²

Os fluxos e trânsitos da cidade moderna são tão intensos, que, paradoxalmente, promovem uma ilha de isolamento em determinados locais. É o caso da elevada que nos atém. Situada em um canteiro central de vias movimentadas, ela tornou-se um espaço atrativo para a ocupação de grupos que, não tendo uma casa, buscam ao menos um abrigo, um "acampamento" no meio urbano (embora o termo pareça impreciso, já que significa "instalar em campo"). O espaço público, portanto, é subvertido para finalidades domésticas, onde realizam as atividades cotidianas mais frugais como dormir, cozinhar, excretar, higienizar-se, etc.

Como centro significativo do acampamento está a fogueira, na qual o alimento é preparado. Caixotes em torno dela dão ao local a conotação de "sala", onde as pessoas se reúnem para conversar, beber, confraternizar e se aquecer.

Ao infringir as fronteiras entre casa e rua, o nômade urbano viola as regras básicas de privacidade que foram gestadas historicamente no seio da burguesia. Mas além da questão público/privado, o episódio descrito traz à tona outras implicações espaciais. Ao diminuir o tempo de percurso pelo território, os viadutos e elevadas representam uma forma de domesticação do espaço e do tempo citadinos, o que só é possível diante do desenvolvimento técnico. No entanto, ociosa, a parte de baixo desta via de concreto, acaba se adequando à territorialização de grupos nômades, que, freqüentemente, fogem ao controle do Estado, porque resistem à desterritorialização, reterritorializando aqueles espaços, sempre que são deles expulsos. Agentes da polícia, da limpeza urbana, da fiscalização de áreas de risco, da assistência social, dentre outros, tentam, constantemente, retirar daqueles locais, os grupos que divergem da forma sedentária de viver.

Percebe-se, enfim, que o modo de inserção espacial da população de rua confronta o padrão sedentário vigente no meio urbano, na medida em que este segmento da sociedade vive e se multiplica, enga-

nando a disciplina do planejamento citadino de cujas vantagens está excluído. Desta luta contínua de dominação e insubordinação, surgem formas particulares de apropriação e vivência cotidiana da cidade.

Diário de Campo Fragmento 2

"Entre Neca, de 27 anos, Laci, de 25, e Alexandre, de 18, não existem vínculos familiares. Quem exatamente ou quantos 'moram' no local, não consegui descobrir, pois nem eles souberam dizer ao certo. Laci me contou que algumas crianças costumam chegar ali para dormir ou pedir comida.

Neca é a mãe das duas crianças. Com certo brio, disse que nasceu, viveu e está criando seus filhos debaixo da ponte. E, tentando legitimar a sua condição, afirmou que "O importante é gostar de onde a gente está. Não adianta tá num lugar muito bem, com conforto e não gostar de lá. Eu gosto daqui!". Segundo ela, poderia estar na casa de sua mãe (que hoje não vive mais na rua), onde tem um quatinho só pra ela, com armário e roupas dentro. Mas o problema é que não gosta de ficar na casa dos outros porque eles logo querem mandar nela, e isso ela não aceita. Se eu quisesse mesmo ajudá-la, seria conseguindo-lhe uma casa - mas que fosse só dela!

(A certa altura, depois de me falar bastante sobre suas crianças), Neca narrou como deu à luz seu segundo filho. Ela estava na Praça 15, tomando cachaça com outras pessoas, quando sentiu que iria parir. Então botou um cobertor por cima, tirou as calças e colocou a mão no meio das pernas. Dali um pouco, sentiu a cabecinha da criança e começou a tentar puxá-la. Sabia, pela sua mãe, que deveria cortar o cordão na distância de um palmo do nenê, mas quando acordou, já estava no Hospital, recebendo soro".

SOBRE A FORMAÇÃO DE BANDO³ E A SOCIALIZAÇÃO NA RUA

Acompanhando o cotidiano de alguns grupos, é freqüentemente impossível saber ao certo quantos e quais são os seus membros. Além dos que vivem permanentemente na rua e ocupam o acampamento durante o dia, há os que só aparecem à noite, para dormir, e existem também aqueles que moram em vilas ou outros pontos da cidade, e que estão no acampamento apenas de visita - a qual, aliás, pode se prolongar indefinidamente. A mãe de Neca, que já vivia em uma casa na periferia, freqüentemente visitava sua filha e netos, nesta elevada. Da mesma forma, ela também era visitada por eles, tendo, inclusive um quatinho para recebê-los. Para Neca, no entanto, a busca de autonomia parece mais forte do que a expectativa de *estar* em uma casa - o que é diferente, no seu entender, de *ter* uma casa.

A inconstância destes agrupamentos, em que os membros se juntam e se separam com facilidade, caracteriza uma formação de bando, que reforça assim a idéia de *nomadismo* a que nos atemos.

Dentre estes bandos é possível identificar variações significativas, segundo a predominância de seus componentes: crianças e adolescentes, adultos, famílias (com predominância do núcleo mãe/filhos), os quais, não deixam, por vezes, de se misturar. A tendência ao isolamento, aparece, por outro lado, dentre casais idosos e alguns indivíduos, muitos dos quais sofrem forte estigmatização dos próprios grupos da rua, acusados de doença mental.

A extrema fluidez que caracteriza a composição da maioria dos agrupamentos está diretamente relacionada com a intensa mobilidade na vida destes sujeitos. Alguns grupos formam-se, aumentam de tamanho, desmembram-se e desaparecem para se recompor com novos sujeitos mais adiante, em outro local.

Ao não se fixar às moradias que improvvisa - o que não é necessariamente voluntário - a população que habita na rua não cria uma relação estável e de propriedade com o que a história da vida privada convencionou chamar de 'lar'. Praticamente não há onde exercer a privacidade; inexistente a propriedade que resguarda e preserva a família e os bens materiais. Evidencia-se, portanto, uma outra noção de moradia, mais flexível e transitória do

que aquela acalentada pelo cidadão sedentário.

Embora a maioria ingresse no mundo da rua depois de viver em uma casa (ou o que quer que se pareça com isso), adaptando-se, assim, a uma segunda socialização, em que aprende todo um sistema de significados próprios desta forma de vida, alguns já nascem na rua. É o caso da família de Neca, cuja experiência de rua se estende há três gerações. Neca parece orgulhar-se de estar preparando os filhos para enfrentarem esta realidade, transmitindo para eles, já em uma primeira socialização, uma série de regras, práticas, estratégias e códigos, necessários à vida na rua. É assim que sua filha faz hoje o que ela própria fazia para sua mãe quando pequena: pede dinheiro nas sinaleiras e o entrega à mãe, que a observa de longe.

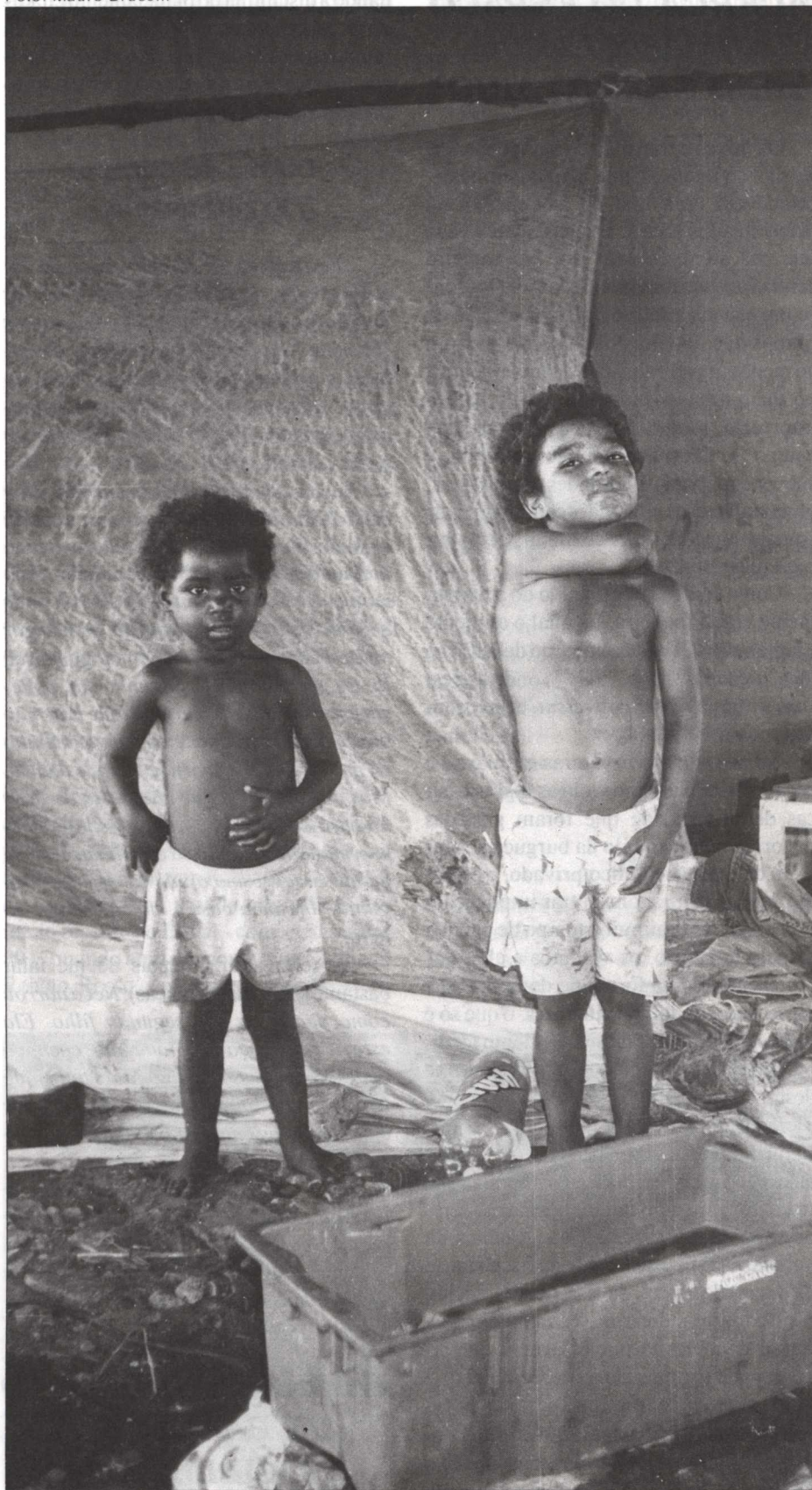
Diário de Campo Fragmento 3

“Vendo que havia um resto de comida dentro da lata reutilizada que estava sobre o fogo de chão quase apagado, perguntei de onde vinha o alimento que preparavam. ‘Às vezes tem um tomate, uma cebola, uma fruta estragada numa parte e botaram ela fora. Ela não tá estragada! Se tu tirar fora aquela parte, dá pra ti comer ela!’”, respondeu-me Laci. Alexandre acrescentou que também juntam dos lixos da rodoviária, do outro lado da rua: ‘Às vezes o cara vai numa lancheria dessas, olha e quer comer um bauru lá. Mas ele come uns pedaços e já bota fora. É porque ele foi comprar só de ‘olho’, ele não tava com fome! Então a gente vai ali e mexe no lixo. As pessoas olham e dizem: ‘Olha aí, aquele cara mexendo no lixo!’ Mas não tá ruim, tá bom!’”. No ‘lixão’ (container da limpeza pública), próximo dali, na Av. Farrapos, também encontram muitas coisas que podem usar.

O material reciclável que encontram pelas ruas do Centro, também pode ser vendido nos vários depósitos localizados na Rua Voluntários da Pátria, há poucas quadras, embora não façam isso profissionalmente como outros papeleiros.

Existem pessoas que também deixam coisas para eles ali mesmo; ou então eles próprios pedem nas casas e nas institui-

Foto: Mauro Bruschi



Acampamento nômade sob a Via Elevada da Conceição, em Porto Alegre - 1994. (Trata-se de grupo deferente do descrito pelo diário de campo aqui apresentado).

ções, onde ganham sopa, cobertor, roupas...”

ACERCA DA SOBREVIVÊNCIA DO MORADOR DE RUA

Mais do que local de moradia e sociabilidade, o espaço público apresenta-se, para os moradores de rua, como ambiente ecológico no qual buscam prover a sua subsistência cotidiana. Os lixos opulentos da sociedade sedentária, aparecem, assim, como fontes de coleta de alimentos e de objetos que, ora são usados diretamente pelos coletores, ora são revendidos, num biscoito desvalorizado, mas que beneficia a empresa e o comércio da reciclagem.

Além da coleta, a sobrevivência destes grupos depende da caridade de indivíduos e instituições (religiosas e leigas), a que têm acesso muito mais facilmente nas ruas centrais do que nas vilas da periferia. No Centro, a pobreza está à mostra e incomoda a consciência dos cidadãos privilegiados, que se mobilizam para auxiliar os despossuídos.

O furto, o assalto e suas variações, aparecem por fim, como estratégia utilizada por alguns indivíduos e, embora sem querer aprofundar a questão, Neca disse-me que seu companheiro e o de Laci, estavam na prisão. As analogias possíveis: uso de arma, espreita, estratégias de ataque, narração do feito e da fuga ao grupo, prestígio diante do mesmo, etc.

Vê-se, portanto, que mais do que meramente um local de passagem, como é para os habitantes sedentários, a rua é para os nômades urbanos um elemento vital e inevitável de sobreviver. Apesar da ação de exterminadores, da repressão em geral, dos rigores climáticos, dos conflitos internos, da precariedade de higiene e saneamento, dentre inúmeras outras adversidades a que esta população está sujeita, a rua acaba se mostrando para ela como uma opção possível, dentre ínfimas alternativas, que, aos seus olhos, seriam piores: morar em barracos bem mais frágeis do que o teto de concreto da elevada, situados em uma periferia carente de infra-estrutura e serviços urbanos, tendo, para isso, que

pagar aluguel, taxas e impostos e ainda estando distante dos fartos recursos reaproveitáveis desperdiçados por uma sociedade opulenta, fundamentada na desigualdade social e cujas crises que enfrenta, devem-se, em geral à superprodução.

Diário de Campo Fragmento 4

“Perguntei sobre os vários desenhos existentes no viaduto. Alexandre respondeu-me que a maior parte já estava lá quando eles chegaram e outros eles próprios haviam feito. O seu era aquele que tinha parte de um rato desenhado, com a frase: “eu sou um rato sem bueiro”. Perguntei como tinha “saído” aquilo. Ele disse-me que estava meio alto de cachaça e começou a pensar na vida. Dai pegou um carvão pra se “expressar” naquela elevada de concreto. Começou a desenhar o personagem Pateta. Mas daí viu que havia feito um rato. Pensou sobre aquilo e percebeu que ele próprio era um rato - um rato sem bueiro - afinal ele não tinha casa mesmo. Vivia por ali, pelos bueiros e buracos da cidade”.

GRAFISMOS EM ABRIGOS URBANOS

Como se percebe, as baixadas e galerias das vias de concreto que canalizam os fluxos da sociedade sedentária, são mais do que espaços de habitação para quem vive na rua. Ocupadas e subvertidas de sua finalidade urbanística, elas tornam-se verdadeiros territórios de indivíduos e bandos nômades, que aí convivem e compartilham momentos de dor e prazer, movimento e instabilidade. As expressões gráficas que eles imprimem nestas estruturas são mais uma forma, mesmo que inconsciente, de territorializar estes espaços.

Inebriado pelo álcool, Alexandre tenta reproduzir com carvão um conhecido personagem da cultura de massa (a que ele, certamente tem acesso, porque interage no conjunto cultural da sociedade), mas no momento do fazer artístico, reconhece a si mesmo nas formas de um rato, animal com quem compartilha a sua existência, embaixo e dentro das estruturas modernas da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversamente dos migrantes, que se deslocam para um destino mais ou menos definido, os nômades não se fixam em domicílio e acabam fazendo da mobilidade um modo de vida. Apesar da diferença entre os dois, eles até podem misturar-se de muitas maneiras, ou formar um conjunto comum; mas, ao contrário da migração, o nomadismo representa um problema para as sociedades estabelecidas, pois implica em todo um segmento social flutuante, que foge ao controle do Estado, produto e suporte da sociedade sedentária.

* Claudia Turra Magni é mestre em Antropologia Social e graduada em História pela UFRGS.

NOTAS

1 - Estes dados, colhidos para minha dissertação de mestrado em Antropologia Social (vide bibliografia) é formado, basicamente, por um diário de campo de 600 páginas, uma documentação fotográfica com 400 fotos e um registro videográfico com 22 horas de gravação, o qual foi editado no vídeo “Habitantes da Rua”, co-dirigido por Nuno Godolphin e pela autora deste artigo.

2 - Desde a data deste diário de campo até hoje, ocorreram muitas transformações no controle da municipalidade sobre logradouros como este, acima descrito, considerados áreas de risco. A prefeitura de Porto Alegre tem adotado estratégias disciplinares como cercamento, ajardinamento, gradeamento, aterro, instalação de prédios, etc. para proibir a sua ocupação, embora muitos grupos tenham mostrado resistência e reincidência na territorialização destes locais. Interessa, mesmo assim, considerar a questão dentro de uma perspectiva histórica.

3 - A noção de “bando”, aqui, não tem qualquer relação com banditismo, mas se refere ao tipo de estrutura grupal comumente encontrado nas sociedades nômades.

BIBLIOGRAFIA

- GUATTARI, Felix; DELEUZE, Gilles
(1980) *Milles Plateaux: Capitalisme et Esquizofrenie*. Paris, Les Editions de Minuit.
- LEROI-GOURHAN
(s/d) “O Gesto e a palavra”. *Memória e Ritmos*. Vol. 2, Lisboa, edições 70.
- MAGNI, Claudia Turra
(1994) *Nomadismo urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, UFRGS.
- SAHLINS, Marshal
(1977) *Economia da Idade da Pedra*. Madrid, Akal.
- STOFFELS, Marie-Ghislaine
(1977) *Os mendigos na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- VIEIRA, M. Antonieta da C. (org.)
(1992) *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. São Paulo, Hucitec.